

HOMOFOBIA NA SALA DE AULA. Maikon Borges da Silva, Ana Cristina Nassif Soares. – Humanas – Serviço Social – Departamento de Serviço Social e Departamento de Educação Ciências Sociais e Política Internacional – Faculdade de História, Direito e Serviço Social – Campus Franca.

O Brasil “[...] é o campeão mundial de assassinato de homossexuais e provavelmente um dos países do mundo onde ocorrem mais discriminações contra gays, lésbicas e travestis”. (MOTT, 2000, p.11) A sala de aula não passa despercebida, já que crianças e adolescentes homossexuais, diariamente, convivem com o preconceito e a discriminação devido à sua orientação sexual. Deve-se esclarecer logo de início que o adulto homossexual foi um dia criança e, logo adolescente. O presente trabalho tem por objetivo estudar a homofobia na sala de aula. Professores e, principalmente, os coleguinhas, não costumam acolher com compreensão e carinho o menino e a menina diferente. São alvos da chacota, ironia, violência e outras formas mais graves de abuso; freqüentemente se tornam arredios, solitários e introspectivos. “Segundo relatório da UNESCO (órgão das Nações Unidas responsável pela educação) publicado no livro *Juventude e Sexualidade*, baseado em uma pesquisa feita em 14 capitais brasileiras no ano de 2000, com 16.422 alunos, 3.099 educadores e 4.532 pais e mães de alunos de 241 estabelecimentos públicos de ensino, é preocupante o nível de homofobia nas escolas brasileiras”.(RIBEIRO, 2006, p.54)

O “Programa Gênero e Diversidade na Escola”, lançado pelo Presidente da República Luis Inácio Lula da Silva, propõe capacitar professores de escolas públicas de 5º a 8º série para, lidar em sala de aula, com atitudes e comportamentos preconceituosos em relação às preferências sexuais, gênero (masculino e feminino) e raça. A pesquisa se dá pela importância de mostrar os abusos e os constrangimentos do fenômeno homofobia. “O ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente, lei nº 8.069, foi instituído há mais de 16 anos visando proteger as crianças brasileiras e prepará-las para o futuro. Entretanto, fica claro, em seus 267 artigos, que o Estatuto foi criado para ser aplicado numa sociedade na qual a homossexualidade é considerada um desvio de normalidade e ocorre por opção da pessoa.” (CAMARGO, 2006, p.60) Na prática, o ECA revela-se um manual preconceituoso, já que exclui de forma indireta a criança e o adolescente homossexual.

Segundo James N. Green (2000, p.27), “quando a família descobre que um filho é gay, pais e parentes podem vir a tolerar esse fato, contanto que ele não seja abertamente efeminado e que as pessoas fora da família não saibam. Muitas vezes esta, implícito uma política do ‘não pergunte, não me conte’.” Luiz Mott (2001, p.20) relata que “[...] duas alunas lésbicas da Escola Miguel Couto, no Bairro da Tijuca, tiveram suas matrículas canceladas e foram alvo da violência por parte de centenas de estudantes da própria classe e dos cursos pré-universitários vizinhos, quando decidiram assumir publicamente que eram lésbicas.” As travestis, quando ainda estão cursando o ensino médio abandonam a escola, entre as idade(s) dos 13 aos 14 anos, fase da transformação do corpo – hormonização e siliconização – a partir daí vem o preconceito e a discriminação, na maioria das vezes o único caminho é a prostituição. Não obstante, crianças e adolescentes homossexuais não encontram apoio na família e muito menos na escola, e mais, “[...] dados do relatório comprovam que em cada quatro alunos, um não gostaria de ter homossexuais como colegas de classe”.(RIBEIRO, 2006, p.54)

“O método mais comum de violência contra homossexuais nas escolas é a ofensa verbal, o xingamento, sempre com intuito de” humilhar, discriminar, ofender, ignorar, isolar, tyrannizar e ameaçar.”(RIBEIRO, 2006, p.55) Presenciamos uma grande quantidade de diferenças étnicas, sexuais, culturais, nacionais, ou seja, cada minoria sofre um tipo específico de opressão. É o que diz Moacir Gadotti (2001, p.117): “numa época de violência, de agressividade, o professor deverá promover o entendimento com os diferentes e a escola deverá ser um espaço de convivência, onde os conflitos são trabalhados e não camuflados.”O mesmo relatório “[...] mostra que grande parte dos professores tenta ‘banalizar’ o fato, não lhe dando atenção devida e fingindo que nada acontece, demonstrando dificuldade em lidar com o assunto.”(RIBEIRO, 2006, p.55) Assim, a efetivação do “Programa Gênero e Diversidade na Escola” é muito importante; por enquanto, é só esperar o resultado, mas ainda há muito o que se fazer contra a homofobia.

Para elaboração do trabalho usaremos os seguintes procedimentos: leitura e fichamento de bibliografias relacionadas ao assunto, e participarei de palestras e seminários. A pesquisa de campo se dará em escolas públicas e no “gueto homossexual” do município de Franca/SP. Desenvolveremos um roteiro de entrevista em que o homossexual adulto (gays, lésbicas e travestis), educadores e familiares serão os sujeitos da pesquisa, com o intuito de resgatar histórias relativas a homofobia. Levando em conta que não só os homossexuais sofrem com o preconceito e a discriminação, mas também negros, mulheres, etc., esta pesquisa se fechará no estudo da homossexualidade. No estudo de Peter Fry e Edward MacRae (1984, p.10) eles dizem: “queremos arrancar a homossexualidade do campo da psicologia e da medicina, que tem se apropriado do assunto crescentemente desde os meados do século XIX, para colocá-lo no campo do estudo da cultura e da política no seu sentido mais amplo”. Daí faremos uma análise exploratória, antropológica e sociológica acerca do tema proposto.

Espera-se com o desenvolvimento do trabalho resgatar os processos históricos no que concerne à homossexualidade, estudar as variações que são muitas no grupo, analisar o preconceito e a discriminação na fase adulta, e também as atitudes homofóbicas na sala de aula contra a criança e o adolescente. Relacionar o ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente, o “Programa Gênero e Diversidade na Escola” e a Educação no Brasil para uma compreensão de forma crítica de tais pressupostos. Colocar em plano a “literatura infantil”, onde tais livros abordam a questão da homossexualidade e as diferenças de cada um, assim, é possível estabelecer que esses livros se empenham em desmontar o preconceito.

Portanto, “uma sociedade multicultural deve educar o ser humano multicultural, capaz de ouvir, de prestar atenção ao diferente, de respeitá-lo”. (GADOTTI, 2001, p.117) “Os homossexuais são colocados numa posição de marginalidade pelas próprias características do seu comportamento sexual, que se afasta dos padrões culturais aprovados”. (SILVA, 2005, p.162) Ana Paula Ariston Barion Peres (2001, p.45,46) confirma: “É incontestável o fato de que sexo foi reprimido em decorrência do Capitalismo e a Revolução Industrial. Atribui ao fato à ascensão da burguesia a responsabilidade pela aparição de um tipo de homem novo e relações humanas novas que levam a síndrome anti-sexual. Em linhas gerais, atrela a repressão sexual a motivos econômicos ligados, inclusive, à força de trabalho.”

“Não há nenhuma verdade absoluta sobre o que é a homossexualidade e que as idéias e práticas a ele associados são produzidas historicamente no interior de sociedades concretas e que são intimamente relacionadas com todo destas sociedades”. (FRY; MACRAE, 1984, p.10) “A nossa própria sociedade ao distribuir papéis sociais entre homens e mulheres e dramatizar as questões relativas ao namoro, casamento, paternidade, cria à ilusão de serem esses comportamentos inatos”. (PERES, 2001, p.38) “Os sentimentos de culpa e pecado que oprimem o homossexual são constantemente repostos por fatores que o levam a ocultar-se, a ter medo do ridículo, da prisão, do desemprego, do ostracismo por parte dos amigos e familiares”. (MACRAE, 2005, p.162) “A diversidade cultural é a riqueza da humanidade. Para cumprir sua tarefa humanista, a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas além da sua”. (GADOTTI, 2001, p.119)

“Dessa forma, os papéis da família e do casamento têm de ser repensados. Não se objetiva, com isso, aniquilá-los, mas, sim, adaptá-los aos novos anseios da sociedade”. (PERES, 2001, p.62) A diversidade cultural é dotada de particularidades, só que a sociedade se prende a valores e regras, dita o que é “ser normal” e ter “papéis sexuais definidos”. Contudo, nem todos se inserem nos padrões, ser homossexual, “[...] envolve a rasura dos papéis de gênero construídos historicamente pela maioria heterossexual – homens afeminados e mulheres masculinizadas”. (WYLLYS, 2006, p.13) Discutir a homossexualidade na sala de aula, é uma forma de quebrar preconceitos evitando assim a discriminação. “A educação e subsistema social e, conseqüentemente, reflete todas as fases de desenvolvimento de uma sociedade em seu processo evolutivo”. (NAGEL, 1978, p.117)

A homofobia progride em conseqüência do convívio escolar, familiar e entre amigos. O que o hoje adulto homossexual sofre, é também presente nas fases criança e adolescente, onde a espera por explicações e dúvidas é do cotidiano. “O grande desafio da escola pública está em garantir um padrão de qualidade (para todos) e, ao mesmo tempo, respeitar a diversidade local, étnica, social e cultural. Portanto, o nosso papel educacional continua sendo educar e ser educado. Mas educado é só aquele que domina, além de sua cultura, uma outra cultura”. (GADOTTI; ROMÃO, 2001, p.48) “[...] a educação é mais do que

um assunto de superfície; penetra fundo na cultura e no indivíduo. Capta as sementes dos valores que se levantam nos primeiros anos da infância e dão forma a atitudes e crenças através de toda a vida”. (NAGEL, apud WALL, 1978, p.119)

Referências Bibliográficas:

CAMARGO, Jayme. Era uma vez um menino gay. **Revista g magazine**. São Paulo, v.108, p.60, 2006.

CORONA, Lúcia C. Guimarães; NAGEL, Lúzia Helena. **Preconceitos e estereótipos em alunos e professores**. Petrópolis: Vozes, 1978.

FRY, Peter; MACRAE, Edward. **O que é homossexualismo**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José E. (Orgs.). **Autonomia da escola**: princípios e propostas. São Paulo: Cortez, 2001.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade no Brasil do século XX. São Paulo: Unesp, 2000.

GREEN, James N.; TRINDADE, Ronaldo (Orgs.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Unesp, 2005.

MOTT, Luiz Roberto. **Assassinato de homossexuais**: manual de coleta de informações, sistematização e mobilização política contra crimes homofóbicos. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1997.

MOTT, Luiz Roberto. **Homofobia**: a violação dos direitos humanos de gays, lésbicas e travestis. Salvador: Grupo Gay da Bahia, 1997.

PERES, Ana Paula Barion. **Transexualismo**: o direito a uma nova identidade. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.

RIBEIRO, Deco. A assumidíssima nova geração. **Revista G Magazine**. São Paulo, v.106, p.54-55, 2006.

WYLLYS, Jean. Decifra-me ou te devoro. **Revista G Magazine**. São Paulo, v.107, p.13, 2006.

Bolsa: Pae.